

AS DESIGNAÇÕES DA MANDIOCA: TIPOLOGIA DAS UNIDADES MISTAS

LAS DESIGNACIONES DE LA MANDIOCA: TIPOLOGÍA DE LAS UNIDADES MIXTAS

CORDEIRO-OLIVEIRA, Simone¹
Universidade Federal do Acre (UFAC)
simonecordeiro.ac@gmail.com

BABINI, Maurizio²
Universidade Estadual Paulista (UNESP/SJRP)
mauriziobabini@gmail.com

RESUMO: No que diz respeito à forma das unidades de especialidade, Barros (2004) classifica os termos em: unidades ideográficas, unidades linguísticas e unidades mistas. O objetivo principal deste artigo é apresentar e analisar a estrutura das formas mistas, ou unidades mistas que designam as variedades de mandiocas no estado do Acre. Os termos analisados compõem o *corpus* de estudo intitulado TERMani - Terminologia da Mandioca e constitui entradas do Dicionário Terminológico Onomasiológico dos Termos Fundamentais da Mandioca. Para a realização de nossa pesquisa buscamos subsídios teóricos em Barros (2004, 2007), Cabré ([1993], 2005), Wüster ([Felber, 1979], 1998), Krieger e Finatto (2004) e Kocourek (1991). A primeira etapa do nosso trabalho foi a identificação dos termos que designam a espécie *Manihot esculenta* Crantz no TERMani; em seguida, selecionamos as unidades mistas e procedemos à análise quanto às estruturas. Identificamos que as formas mistas da espécie *Manihot esculenta* Crantz são compostas pela combinação de formas linguísticas, formas abreviadas, letras do alfabeto latino e números em diferentes combinatórias. Constatamos, também, que há uma forte influência do discurso não-especializado no processo de designação dos cultivares. Dada a especificidade que assumem as unidades mistas na nomeação das variedades da planta, as reconhecemos como unidades terminológicas imprescindíveis para a expressão dos conceitos referentes à cultura da mandioca.

Palavras-chave: Unidade mista. Unidade terminológica mista. Tipologia de unidades mistas. Terminologia da mandioca.

RESUMEN: En lo que respeta a la forma de las unidades de especialidad, Barros clasifica a los términos en: unidades ideográficas, unidades lingüísticas y unidades mixtas. El objetivo central de este artículo es presentar y hacer un análisis de la estructura de las formas mixtas o unidades mixtas que designan las variedades de mandioca en la región de Acre. Los términos que han sido analizados componen el *corpus* de una investigación que se titula “TERMani – Terminologia da Mandioca” y constituye entradas del “Dicionário Terminológico Onomasiológico dos Termos Fundamentais da Mandioca”. Para la ejecución de nuestra investigación nos basamos en Barros (2004, 2007), Cabré ([1993], 2005), Wüster ([Felber, 1979], 1998), Krieger e Finatto (2004) y Kocourek (1991). La primera parte de nuestro trabajo consistió en la identificación de dos términos que designan a la especie *Manihot esculenta* Crantz en el TERMani; después de eso hemos seleccionado a las unidades mixtas y hemos procedido al análisis en lo que respeta a las estructuras. Hemos identificado que las formas mixtas de la especie *Manihot esculenta* Crantz están compuestas por combinaciones de formas lingüísticas, formas abreviadas, letras del alfabeto latino y números en diferentes combinatorias. Hemos podido constatar también, que hay un fuerte influjo en el discurso no especializado en el proceso de designación de los “cultivares”. A causa de la

¹ Professora Adjunto I da Universidade Federal do Acre, UFAC – Campus de Cruzeiro do Sul; Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Campus de São José do Rio Preto.

² Professor Livre-docente do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Campus de São José do Rio Preto.

especificidad que presentan las unidades mixtas en la nominación de las variedades de la planta las hemos reconocido como unidades terminológicas imprescindibles para la expresión de los conceptos referentes a la cultura de la mandioca. **Palabras Clave:** Unidade mixta. Unidade terminológica mixta. Tipología de unidades mixtas. Terminología de la mandioca.

1 Introdução

Os termos, assim como a linguagem, sempre fizeram parte da história do homem desde o momento em que ele foi capaz de estruturar e representar suas ideias em forma de signos linguísticos orais e/ou escritos, embora, nem sempre tenham recebido o tratamento empirista que desfrutaram na atualidade. Ao atribuir nomes às plantas, animais, profissões, ciências, coisas e seres em geral, o homem desenvolveu e compartilhou sua linguagem, mesmo de forma inconsciente, e a integrou a diferentes campos do conhecimento.

O estudo dos termos é o objeto privilegiado da Terminologia, disciplina científica que se ocupa com a descrição das linguagens de especialidade. Na atualidade, as motivações para a criação e uso das unidades terminológicas avançam na medida em que vislumbramos as grandes mudanças tecnológicas que envolvem o processo de globalização. Assim como ocorreu com o comércio e a economia, com a ciência e a tecnologia, o progresso permitiu também o intercâmbio cultural e transferiu o interesse pelas unidades de especialidade para outros campos de atuação, além do científico e industrial.

O objetivo deste artigo é analisar as unidades mistas, doravante UM, que designam a espécie *Manihot esculenta* Crantz no estado do Acre. Os termos selecionados compõem o *corpus* de estudo intitulado TERMani³ – Terminologia da Mandioca e constituem entradas do “Dicionário Terminológico Onomasiológico dos Termos Fundamentais da Mandioca”. Em um primeiro momento, listamos as UM, privilegiadas e remissivas, e as organizamos em forma de quadro – Quadro 1; em seguida, descrevemos as estruturas das UM identificadas e procedemos a análise.

³ O TERMani é um *corpus* de estudo constituído de 1.815.801 palavras (*tokens*), composto de dois subcorpora: o subcorpora especializado e o subcorpora não-especializado. O subcorpora especializado é composto por textos cujos autores possuem algum tipo de formação na área das Ciências Biológicas e/ou em áreas afins; e o subcorpora não especializado é formado por textos cujos autores não possuem formação nas Ciências Biológicas, nem em outras áreas afins.

A pesquisa nos revelou o quão representativas e significativas são essas unidades de especialidades para a designação dos conceitos referentes à cultura da mandioca no estado do Acre; e que o uso dessas formas de nomeação expressam o discurso particular de um grupo específico; sendo, portanto, inegável o *status* de termo. Logo, elas devem ser analisadas como unidades terminológicas compostas de forma e conteúdo.

2 A cultura da mandioca no estado do Acre

Manihot esculenta Crantz é uma importante espécie da cultura alimentar brasileira popularmente conhecida como mandioca, macaxeira, aipim, maniveira, pão-de-pobre, castelinha, uaipi etc. A planta, que pertence à família *Euphorbiaceae*, é cultivada em todo o Brasil e constitui o principal produto agrícola do estado do Acre, representando 18% em volume e 48% em valor bruto de produção total (Bergo, 1993 *apud* Siviero *et al.*, 2007), correspondendo a 72,01% de toda a produção, segundo Maciel e Lima Júnior (2014).

No estado do Acre, mais de 20 mil pequenos agricultores trabalham no plantio da mandioca, sendo a maior parte da atividade destinada para a produção de farinha. Na região do Alto Juruá⁴ a raiz possui grande valor agrícola especialmente para o município de Cruzeiro do Sul por ser a matéria-prima da “Farinha de Mandioca de Cruzeiro do Sul”, produto de expressivo valor cultural para os habitantes local. Somente no ano de 2010, mais de 307.202 toneladas de farinha de mandioca foram produzidas na região do Alto Juruá, segundo dados do IBGE destacados por Velthem e Katz (2012).

Assim como a farinha, outros derivados da mandioca são produzidos no estado do Acre, dentre os quais destacamos o quibe de macaxeira, o beléu, o biscoito de goma, a farinha de tapioca, o beiju, a goma e o tucupi. A maioria deles são resultados de uma ou mais etapas do processo de produção da farinha. A representatividade da planta para o estado e sobretudo para a região do Alto Juruá também pode ser constatada por meio das inúmeras designação atribuídas a

⁴ A região do Alto Juruá, popularmente conhecida como Vale do Juruá, é uma microrregião situada no extremo noroeste do estado do Acre. Ela é composta por cinco municípios: Cruzeiro do Sul, Mâncio Lima, Marechal Thaumaturgo, Porto Walter e Rodrigues Alves. Dentre estes, o município de Cruzeiro do Sul destaca-se quanto à extensão territorial, número de habitantes e PIB; sendo por isso, considerado a capital do Vale do Juruá.

repartições públicas, prédios comerciais, nomes de ramais etc. que remetem à mandioca ou a seus derivados, como: Mercado da Farinha, Casa da Tapioca, Casa da Farinha, Farinhada *Club*, Macaxeiral, Tacacá da Base.

Cumprido destacar que a representatividade sociocultural da planta para o estado é resultado da sua inserção como atividade alternativa para a garantia do sustento familiar dos povos amazônicos durante os períodos de colonização e exploração da região. De acordo com Velthem e Katz (2012), a partir do ano de 1920, com a desvalorização da borracha amazônica, os ex-seringueiros iniciaram a atividade de cultivo da mandioca para a produção de farinha como forma de sobrevivência. Na atualidade, o referido domínio também é de interesse para:

- a. pesquisadores: no desenvolvimento de pesquisas que visam o oferecimento de informações para o melhor aproveitamento da cultura, considerando as características climáticas e do solo;
- b. professores e alunos dos cursos técnicos, de graduação e pós-graduação: para aplicação de atividades laboratoriais e de campo;
- c. entidades governamentais: pelo reconhecimento da importância da cultura para o desenvolvimento da economia local;
- d. produtores rurais: responsáveis pelo trabalho agrícola e pela manutenção da tradição cultural, no que se refere a produção dos derivados da planta;
- e. comerciantes: que comercializam os derivados.

Tendo em vista a importância da cultura da mandioca para o estado do Acre e de maneira geral para a agricultura brasileira, decidimos estudar este conjunto terminológico; como resultado de nossa pesquisa, realizamos a compilação do “Dicionário Terminológico Onomasiológico dos Termos Fundamentais da Cultura da Mandioca”. Identificamos 442 unidades de especialidade que designam a planta, dentre estas 296 constituem formas linguísticas plenamente articuladas e 146 formas mistas, compostas pela combinação de letras, números e palavras em diferentes combinações.

Para este artigo, nos interessamos pelos termos designados por formas mistas ou unidades mistas, suas representatividades quanto aos aspectos estrutural e conteúdo semântico. Na próxima seção apresentamos a fundamentação teórica utilizada para esta pesquisa.

3. Fundamentação teórica

3.1. A Teoria Geral da Terminologia e a Teoria Comunicativa da Terminologia

O uso das terminologias na atualidade possibilita expressiva funcionalidade para a linguagem humana por permitir a comunicação nos diversos campos de atuação. A partir do ano de 1972 a Terminologia recebeu a feição de disciplina científica e o tratamento dado ao seu objeto de estudo, o termo, evoluiu na medida em que ocorreu o amadurecimento das reflexões quanto ao seu uso enquanto elemento de comunicação. A Teoria Geral da Terminologia, doravante TGT, e a Teoria Comunicativa da Terminologia, doravante TCT, contribuíram bastante para a consolidação do estudo dos termos a partir das perspectivas linguística e gramatical.

Na TGT, proposta pelo engenheiro austríaco Eugen Wüster (1898 – 1977), o termo é concebido enquanto recurso de identificação dos objetos e coisas. Sua funcionalidade reside na capacidade de tornar a comunicação especializada eficiente, monossêmica, ou seja, sem “problemas de ambiguidade”⁵. O interesse pela normalização da linguagem profissional possibilitou o desenvolvimento de algumas reflexões a respeito do aspecto prático da Terminologia. Tais estudos, segundo Krieger e Finatto (2004), deram origem às seguintes escolas de Terminologia: Escola de Viena, Escola de Praga, Escola Russa e a Escola do Canadá, formada tempos depois.

A importância da teoria de Wüster reside na organização sistemática dos princípios em torno dos processos de normatização e classificação dos termos. Enquanto disciplina científica, a Terminologia é concebida como uma ciência de caráter filosófica estreitamente relacionada com a Lógica, a Teoria da Classificação, a Linguística e a Informática (BARROS, 2004). Contudo, conforme destaca a autora, “sua relação com a Linguística é, no entanto, ambígua, uma vez que se interessava, praticamente, apenas pelos termos, dissociando o léxico da gramática, do contexto e do discurso, vendo-os como unidades que existem e têm vida independentemente” (BARROS 2004). Nessa perspectiva, os conceitos e as

⁵ O interesse de Wüster pelo léxico temático não tinha qualquer relação linguística, haja vista que ele não era linguista, mas um industrial e professor “envolvido pelo espírito de desenvolvimento da tecnologia e da normalização tecnológica que vigorava na Alemanha dos anos de 1920” (BARROS, 2004, p. 53).

denominações, ou seja, os termos, são independentes entre si e as unidades de especialidade podem ser criadas sempre que houver necessidade. Desta forma, compreendemos que a teoria clássica admite a língua como um elemento normatizador, prescritivo a serviço do terminólogo.

Em contrapartida, a TCT, proposta por Maria Teresa Cabré e por um grupo de pesquisadores do Instituto de Linguística Aplicada, da Universidade Pompeu Fabra, em Barcelona, surge como uma alternativa para se pensar o objeto de estudo da Terminologia a partir de uma perspectiva comunicativa. Na TCT, o termo recebe o tratamento linguístico e passa a ser investigado como unidade da língua que se converte em unidade de conhecimento e comunicação especializada quando utilizada em domínios específicos. Sobre a abordagem do termo para a TCT, Krieger e Finatto afirmam:

De acordo com o princípio comunicativo, uma unidade lexical pode assumir o caráter de termo em função de seu uso em um contexto e situação determinados. Consequentemente, o conteúdo de um termo não é fixo, mas relativo, variando conforme o cenário comunicativo em que se inscreve. Tais proposições levaram a TCT a postular *a priori* não há termos, nem palavras, mas somente unidades lexicais, tendo em vista que estas adquirem estatuto terminológico no âmbito das comunicações especializadas. (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 35)

Sendo assim, o termo é, sobretudo, uma unidade léxica que assume a condição de unidade de especialidade em função do domínio que representa; devendo, por isso, ser investigado somente a partir das relações que estabelece dentro do domínio ao qual está inserido. Ao reconhecer as unidades de especialidades como elementos linguísticos, a TCT abre espaço para novos questionamentos; dentre eles, o que se refere ao *status* da Terminologia enquanto disciplina científica ou metodologia. Apesar de ter relação muito próxima com a linguística e a filosofia, Cabré identifica a Terminologia como uma disciplina autônoma de caráter interdisciplinar, com objeto e metodologia própria.

Nesse aspecto, segundo a autora, a TCT se aproxima da TGT⁶ quanto ao princípio de que há uma distinção no tratamento das unidades léxicas quando analisadas por linguistas e por terminólogos, especialmente no que se refere à

⁶ A Teoria Geral da Terminologia defende que a Terminologia é uma disciplina autônoma e autossuficiente, dotada de princípios próprios, apesar de manter relação com outras disciplinas (Cabré, 2005, *eBook*).

concepção e formação dos termos. A TCT compreende a unidade de especialidade a partir de uma perspectiva poliédrica, considerando os seus aspectos linguísticos, cognitivos e sociais. Assim, segundo Barros (2004), a unidade terminológica é identificada como um signo linguístico constituído de forma e conteúdo indissociáveis, em uma relação não fixa, nem pré-estabelecida. Tendo em vista a explanação referente ao tratamento atribuído ao termo pela TGT e TCT, a seguir, apresentamos a classificação das unidades de especialidade quanto a forma.

3.2 As formas de designação dos conceitos

No que tange à forma das unidades de especialidade, Barros (2004) classifica os termos em: unidades ideográficas, unidades linguísticas e unidades mistas. Koucourek (1991) define as unidades ideográficas como formas gráficas compostas por letras, números ou símbolos em diferentes combinações de agrupamento de unidades linguísticas e elementos braquigráficos. Barros (2004), destaca que apesar das unidades ideográficas designarem conceitos, elas se distinguem dos termos por não apresentarem o carácter linguístico. Como exemplo de unidades ideográficas podemos citar as fórmulas, H_2O , Ctrl+C; os símbolos da matemática, (<) menor que, (>) maior que; os pictogramas presentes nas placas de trânsito etc.

Por sua vez, segundo Barros (2004), as unidades linguísticas são compostas apenas por letras e apresentam estruturas distintas: unidades linguísticas plenamente articuladas, doravante ULPA, formas braquigráficas, estrangeirismos, formas latinas, epônimos. As ULPA podem ser classificadas em: simples, quando composta por apenas um lexema; composto, constituído por duas ou mais unidades léxicas em situação de não-autonomia, hifenizado; complexo, formado por dois ou mais radicais. A autora destaca, ainda, que ao contrário das ULPA, as formas braquigráficas caracterizam-se pela “economia linguística” e são representadas nas formas de siglas e acrônimos. Os epônimos, muito comum na área da saúde, correspondem aos termos formados a partir de um nome próprio; enquanto as formas latinizadas são utilizadas para a identificação das espécies naturais e visam a normatização da comunicação científica.

Em contrapartida, as UM apresentam, segundo Barros (2007), as seguintes estruturas: a) unidades ideográficas associadas a unidades linguísticas; b) unidades linguísticas em português e em língua estrangeira; c) unidades léxicas expandidas e abreviadas. Embora a classificação das formas designativas dos conceitos em Terminologia ainda seja objeto de debate, nos parece ser senso-comum o reconhecimento de que as formas plenamente articuladas, ou seja, as classificadas como unidades linguísticas, são as de maior interesse para a Terminologia. Acreditamos que tal atitude seja resultado da proposta inicial da TCT que visava atribuir ao termo o carácter linguístico, numa tentativa de combater o tratamento dado pela TGT.

Entretanto, cumpre evidenciar que as UM, a exemplo do que ocorre com as linguísticas, constituem importante modo de designação dos termos, uma vez que representam conceitos específicos, compostos de forma e conteúdo. A seguir, apresentamos e analisamos as unidades mistas terminológicas que designam a mandioca no estado do Acre.

4 Metodologia

Inicialmente, cumpre destacar que o objeto de estudo deste artigo, as UM, compõem o *corpus* de estudo denominado TERMani - Terminologia da Mandioca. Esse *corpus* é constituído por obras de referência sobre a cultura e o beneficiamento da mandioca, dentre elas destacamos: Siviero (2009), Schott (2010), Andrade Neto (2011 *et al*) e Mendonça (2002 *et al*). Uma descrição mais detalhada das fontes e da maneira como foi constituído esse *corpus* se encontra-se em (Cordeiro-Oliveira e Babini, 2016).

O referido *corpus* foi utilizado para a elaboração do “Dicionário Terminológico Onomasiológico dos Termos Fundamentais da Mandioca⁷”, produto final de nossa investigação sobre a terminologia da mandioca no estado do Acre. Dada a natureza da pesquisa, consideramos, em nosso estudo, somente as unidades terminológicas que designam a espécie *Manihot esculenta* Crantz, registradas no banco de germoplasma da Empresa Brasileira de Pesquisa

⁷ O público-alvo do Dicionário Terminológico Onomasiológico dos Termos Fundamentais da Mandioca são: pesquisadores, professores e alunos dos cursos técnicos, de graduação e pós-graduação, especialmente os que atuam na área das Ciências Biológicas e áreas afins.

Agropecuária, unidade do estado do Acre, doravante, Embrapa - Acre; em especial, as caracterizadas, botânica e agronomicamente, por Siviero e Schott (2009).

A constituição do TERMani a partir de dois subcorpora partiu da nossa observação de que, no estado do Acre, os discursos especializado e não-especializado a respeito da cultura da mandioca se entrecruzam, possibilitando o intercâmbio linguístico entre o público especializado, geralmente engenheiros da Embrapa - Acre, pesquisadores e professores da área das Ciências Biológicas e outras áreas afins, com o público não-especializado: comerciantes, agricultores e grupos familiares que conservam as tradições locais dos que residem nesta parte da floresta amazônica.

No primeiro momento, elaboramos uma lista com todos os termos que designam a mandioca no estado do Acre e efetuamos a classificação das unidades de especialidades a partir da tipologia proposta Barros (2004), apresentada no item anterior. Identificamos 212 unidades terminológicas que designam a planta, destas 66 são classificadas como ULPAs, como: Linho Branco, Milagrosa, Ferreirão, Fortaleza, Curuá, Pãozinho, Curumim Doida etc; e 146 correspondem a unidades mistas, exemplificadas em: IM 486, Cumaru II, 06 Meses, Pretinha II, MX-2, MD-33, Rasgadinha III etc.

Em seguida, selecionamos apenas as UM e as apresentamos em um quadro. Posteriormente, efetuamos a análise dessas unidades terminológicas, destacando as relações semântico-lexicais que contribuem para a composição de suas estruturas e refletimos sobre o uso das UM nos discursos especializado; bem como o seu estatuto enquanto forma de designação dos termos. Na próxima seção, apresentamos a discussão, análise dos dados e o resultado da pesquisa.

5. Discussão, análise dos dados e resultados da pesquisa

Conforme mencionamos anteriormente, identificamos, no TERMani, 212 termos que designam a espécie *Manihot esculenta* Crantz no estado do Acre; deste quantitativo 146 são classificados como UM e 66 como ULPAs. Constatamos que as UM apresentam estruturas e características distintas e o seu emprego são restritas ao público especializado. A seguir, no Quadro 1, apresentamos todas as UM que nomeiam a mandioca no nosso *corpus* de estudo. Organizamos o quadro em duas

colunas destacadas com cores distintas: a coluna da esquerda agrupa as UM classificadas como termos privilegiados no Dicionário Terminológico dos Termos Fundamentais da Mandioca, e a coluna da direita reuni as UM classificadas como termos remissivos.

Quadro 1 – Lista das unidades mistas que designam a mandioca no estado do Acre - TERMani.

UM privilegiadas		UM remissivas			
1. Agromazon I	2. Agromazon II	1. CMEA 1	2. CMEA 3	3. CMEA 4	4. CMEA 5
3. Agromazon III	4. Amarela I	5. CMEA 6	6. CMEA 7	7. CMEA 9	8. CMEA 10
5. Amarela II	6. Batatinha II	9. CMEA 11	10. CMEA 12	11. CMEA 13	12. CMEA 14
7. BRS Caipora	8. BRS Panati	13. CMEA 15	14. CMEA 16	15. CMEA 17	16. CMEA 18
9. Cumaru II	10. FB 2	17. CMEA 19	18. CMEA 20	19. CMEA 21	20. CMEA 25
11. IAC Caipora	12. IM 193	21. CMEA 27	22. CMEA 30	23. CMEA 31	24. CMEA 32
13. IM 194	14. IM 196	25. CMEA 38	26. CMEA 39A	27. CMEA 39B	28. CMEA 40
15. IM 198	16. IM 201	29. CMEA 44	30. CMEA 46	31. CMEA 48	32. CMEA 49
17. IM 204	18. IM 205	33. CMEA 50	34. CMEA 52	35. CMEA 53	36. CMEA 54
19. IM 214	20. IM 215	37. CMEA 56	38. CMEA 57	39. CMEA 58	40. CMEA 59
21. IM 218	22. IM 220	41. CMEA 62	42. CMEA 64	43. CMEA 65	44. CMEA 72
23. IM 221	24. IM 319	45. CMEA 73	46. CMEA 76	47. CMEA 77	48. CMEA 78
25. IM 322	26. IM 486	49. CMEA 79	50. CMEA 80	51. CMEA 81	52. CMEA 82
27. MD-33	28. MD-35	53. CMEA 83	54. CMEA 84	55. CMEA 85	56. CMEA 87
29. Metro II	30. Metro III	57. CMEA 88	58. CMEA 89	59. CMEA 90	60. CMEA 93
31. Milagrosa II	32. MX-2	61. CMEA 94	62. CMEA 95	63. CMEA 96	64. CMEA 97
33. MX-26	34. N2 Cascuda	65. CMEA 98	66. CMEA 99	67. CMEA 100	68. CMEA 101
35. Pão II	36. Paxiúba II	69. CMEA 102	70. CMEA 103	71. CMEA 104	72. CMEA 105
37. Pretinha II	38. Pretinha III	73. CMEA 114	74. CMEA 200	75. CMEA 201	76. CMEA 203
39. Rasgadinha II	40. Varejão I	77. CMEA 205	78. CMEA 206	79. CMEA 207	80. CMEA 210

41. Varejão II	42. 06 Meses [1]	81. CMEA 211	82. CMEA 212	83. CMEA 213	84. CMEA 214
43. 06 Meses [2]		85. CMEA 215	86. CMEA 216	87. CMEA 217	88. CMEA 218
		89. CMEA 219	90. CMEA 220	91. CMEA 221	92. CMEA 222
		93. CMEA 223	94. CMEA 224	95. CMEA 225	96. CMEA 226
		97. CMEA 227	98. CMEA 228	99. CMEA 229	100. CMEA 230
		101. CMEA 231	102. CMEA 232	103. CMEA 233	

Fonte: dados da presente pesquisa.

Conforme podemos depreender do quadro acima as UM, presentes no TERMani, apresentam as seguintes estruturas: a) combinação de unidades linguísticas e numerais romanos; b) combinação de numerais cardinais e unidades linguísticas; c) combinação de unidades linguísticas abreviadas e numerais cardinais; d) combinação de unidades linguísticas abreviadas, numerais cardinais e letras do alfabeto latino; e) combinação de unidades linguísticas abreviadas e expandidas; f) combinação de unidades linguísticas abreviadas e numerais cardinais; g) combinação de letras do alfabeto latino, numerais e unidades linguísticas expandidas. Nesse sentido, apresentamos no Quadro 2 a descrição das estruturas das UM identificadas no nosso *corpus* de estudo com os respectivos termos que representam.

Quadro 2 – Descrição das estruturas das UM presentes no TERMani.

estruturas das unidades	unidades mistas
a) combinação de unidades linguísticas e numerais romanos.	Agromazon I, Agromazon II, Agromazon III, Amarela I, Amarela II, Batatinha II, Cumaru II, Metro II, Metro III, Milagrosa II, Pão II, Paxiúba II, Pretinha II, Pretinha III, Rasgadinha II, Varejão I, Varejão II.
b) combinação de numerais cardinais e unidades linguísticas.	06 Meses [1], 06 Meses [2].

c) combinação de unidades linguísticas abreviadas e numerais cardinais.	CMEA 1, CMEA 3, CMEA 4, CMEA 5, CMEA 6, CMEA 7, CMEA 9, CMEA 10, CMEA 11, CMEA 12, CMEA 13, CMEA 14, CMEA 15, CMEA 16, CMEA 17, CMEA 18, CMEA 19, CMEA 20, CMEA 21, CMEA 25, CMEA 27, CMEA 30, CMEA 31, CMEA 32, CMEA 38, CMEA 40, CMEA 44, CMEA 46, CMEA 48, CMEA 49, CMEA 50, CMEA 52, CMEA 53, CMEA 54, CMEA 56, CMEA 57, CMEA 58, CMEA 59, CMEA 62, CMEA 64, CMEA 65, CMEA 72, CMEA 73, CMEA 76, CMEA 77, CMEA 78, CMEA 79, CMEA 80, CMEA 81, CMEA 82, CMEA 83, CMEA 84, CMEA 85, CMEA 87, CMEA 88, CMEA 89, CMEA 90, CMEA 93, CMEA 94, CMEA 95, CMEA 96, CMEA 97, CMEA 98, CMEA 99, CMEA 100, CMEA 101, CMEA 102, CMEA 103, CMEA 104, CMEA 105, CMEA 114, CMEA 200, CMEA 201, CMEA 203, CMEA 205, CMEA 206, CMEA 207, CMEA 210, CMEA 211, CMEA 212, CMEA 213, CMEA 214, CMEA 215, CMEA 216, CMEA 217, CMEA 218, CMEA 219, CMEA 220, CMEA 221, CMEA 222, CMEA 223, CMEA 224, CMEA 225, CMEA 226, CMEA 227, CMEA 228, CMEA 229, CMEA 230, CMEA 231, CMEA 232, CMEA 233.
d) combinação de unidades linguísticas abreviadas, numerais cardinais e letras do alfabeto latino.	CMEA 39A, CMEA 39B.
e) combinação de unidades linguísticas abreviadas e expandidas.	BRS Caipora, BRS Panati, IAC Caipora.
f) combinação de unidades linguísticas abreviadas e numerais cardinais.	FB 2, IM 193, IM 194, IM 196, IM 198, IM 201, IM 204, IM 205, IM 214, IM 215, IM 218, IM 220, IM 221, IM 319, IM 322, IM 486, MD-33, MD-35, MX-2, MX-26.
g) combinação de letras do alfabeto latino, numerais e unidades linguísticas expandidas.	N2 Cascuda.

Fonte: dados da presente pesquisa.

Em nossa análise, identificamos que 100% dos termos formados por UM pertencem ao subcorpora especializado, ou seja, expressam a linguagem técnico-profissional de um grupo específico, em situações particulares de comunicação; a saber: professores, pesquisadores, técnicos e engenheiros da Embrapa - Acre, por exemplo. A especificidade desse discurso é provada quando tomamos as unidades terminológicas formadas a partir da combinação de unidades linguísticas abreviadas e numerais cardinais, descritas na letra c. A forma abreviada CMEA significa “Coleção de Mandioca Embrapa Acre” e consta no banco de germoplasma

da mandioca; ela é utilizada pelos profissionais da área como recurso para a organização e identificação dos acessos no banco de dados, conforme podemos observar na Figura 1.

Figura 1 - Mostra da organização do banco de germoplasma da mandioca, Embrapa - Acre.

Número CMEA	Nome Comum	Procedência	Uso
1	Muxuanga	CPAA	F
3	Gavião	CPAA	F
4	06 Meses	CPAA	F
5	Pretinha	CPAA	F
6	Amarelona	CPAA	M
7	Linho Branco	CPAA	F
9	Baubista	CPAA	F
10	João Gonçalo	CPAA	F

Fonte: Siviero e Schott (2011).

Pela Figura 1 podemos perceber que os numerais, apresentados na primeira coluna, não seguem uma ordem numérica; logo, depreende-se que a função destes algarismos vai além de mera enumeração dos “nomes comuns”, identificados na segunda coluna. Compreendemos a função dos numerais quando consideramos as variedades 06 Meses [1] e 06 Meses [2], dois cultivares distintos com a mesma designação; ou seja, duas definições para o mesmo conceito. O estudioso identifica cada cultivar a partir do número de registro da CMEA, o primeiro CMEA 4 e o segundo CMEA 98, de acordo com as linhas de registro apresentadas na Figura 2.

Figura 2 - Linhas de registro dos cultivares “06 Meses [1]” e “06 Meses [2]” no banco de germoplasma da mandioca, Embrapa - Acre.

4	06 Meses	CPAA	F
98	06 Meses	CRUZEIRO SUL	M

Fonte: Siviero e Schott (2011).

Conforme apresentado na Figura 2 o número de registro é que permite uma distinção eficaz entre os dois cultivares. O consulente que restringir sua busca considerando somente a procedência do cultivar ou o uso poderá cair em equívoco,

uma vez que temos um só conceito para duas definições. Logo, apenas o registro da forma abreviada (CMEA) + numeral permite a identificação e distinção correta entre os dois tipos de mandiocas. Em análise contínua, quando consideramos as unidades CMEA 39Ä e CMEA 39B, presentes no Quadro 1, confirmamos que tais formas mistas não têm a função de listar os “nomes comuns”, pois se assim fosse, eles estariam em ordem crescente. Nos exemplos em foco, temos um mesmo numeral para dois registros, sendo as letras latinas “Ä” e “B” os elementos de distinção da estrutura. Contudo, destacamos que todas as UM compostas pela combinação da abreviação CMEA + numeral cardinal são classificadas no Dicionário Onomasiológico dos Termos Fundamentais da Mandioca como termos remissivos; ou seja, o uso é ainda mais restrito e específico, mesmo entre o público especializado, pois somente os pesquisadores que têm acesso ao banco de germoplasma da Embrapa - Acre identificam essas unidades mistas como unidades de comunicação.

Em contrapartida, a análise nos revelou o uso de “nomes comuns” - conforme nomenclatura presente no próprio banco de dados da Embrapa, como forma de registro dos cultivares de mandioca. A presença desses registros denota o intercâmbio linguístico entre os discursos especializado e não-especializado; visto que tais designações são, na maioria das vezes, atribuídas pelos agricultores, comerciantes e público em geral que trabalham ou consomem a raiz cotidianamente.

Tendo em vista que, geralmente, os estudos referentes a espécie *Manihot esculenta* Crantz têm como objetivo o desenvolvimento de técnicas agrícolas e de produção que garantam a qualidade da cultura e dos derivados da planta, os especialistas da área estabelecem constantes contatos com os sujeitos que trabalham com a mandioca, seja nas etapas do plantio, beneficiamento ou comercialização; pois, é necessário que eles conheçam as inúmeras variações que nomeiam a raiz para a correta identificação e análise dos materiais genéticos e botânicos.

Uma das formas de registro se dá pela seguinte pergunta: - Que mandioca é essa? Em caso de analogia com acessos já registrados no banco de germoplasma, os especialistas acrescentam os numerais romanos, como em: Amarela I, Amarela II;

Metro II, Metro III etc. Identificamos que o processo de nomeação das plantas se dá por meio das seguintes relações: morfológicas (partes da planta), como o cultivar “Rasgadinha II”, que apresenta lóbulos foliares mais finos e estreitos quando comparado com os demais; características físicas, como o cultivar “Amarela I”, que possui cor de polpa creme; tempo para colheita, como os cultivares “06 Meses”[1] e “06 Meses [2]”, já analisadas anteriormente, que necessitam do período de seis meses para o amadurecimento e posterior consumo.

Contudo, cumpre destacar que somente os especialistas da área utilizam a descrição dos numerais romanos, o público não-especializado considera apenas a forma linguística. Entretanto, a identificação numérica é essencial para evitar os problemas de ambiguidade e indispensáveis nos registros escritos produzidos pelos especialistas. A seguir, apresentamos uma citação retirada do TERMani que ilustra como as formas numéricas são importantes no processo de identificação dos cultivares de mandioca.

Foram observados elevados teores de matéria seca e amido nos acessos Baixinha (37,69%; 33,04%), **Metro** (36,73%; 32,08%) e **Metro II** (36,62%; 31,97%). A produtividade variou entre 7,5 a 54,6 toneladas por hectare. Os genótipos Branquinha (54,6 t/ha), **Cumarú II** (46,3 t/ha), Amarelona (44,4 t/ha) e IM 201 (40,02 t/ha) apresentaram as maiores produtividades. (SIVIERO *et al.*, 2011, p. 2; grifo nosso)

Conforme a citação, percebemos que os numerais romanos compõem a estrutura das unidades de especialidade como forma de identificação e distinção entre as variáveis que apresentam o mesmo conceito. Sendo assim, os consideramos como parte da estrutura das unidades terminológicas e por isso as classificamos como UM, visto que não há no subcorpora especializado outra forma de designação dos conceitos. Podemos afirmar, portanto, que elas assumem o *status* de termo no estudo sobre a cultura da mandioca, pois representam conceitos específicos compostos de forma e conteúdos em distintas relações.

Os procedimentos utilizados para a criação de termos privilegiados como FB 2, MX-26, IM 319, IM 319, MD-35 etc. e de termos remissivos como CMEA 6, CMEA 59, CMEA 212, CMEA 57, CMEA 220 etc., remetem diretamente às propostas da Teoria Geral da Terminologia. O percurso de criação é propriamente onomasiológico, pois parte do conceito e vai para a designação do termo, e nesse

procedimento, temos, sempre, para cada termo, apenas um conceito e uma designação.

Em contrapartida, unidades terminológicas como Batatinha II, 06 Meses, Amarela I, Agromazon III, Varejão I etc. devem ser analisadas a partir da perspectiva da Teoria Comunicativa da Terminologia, pois o processo de designação é determinado, também, por aspectos sociais e culturais, ligados à cultura da mandioca no estado do Acre. No estudo das denominações da espécie *Manihot esculenta* Crantz podemos constatar, portanto, a existência de diferentes processos de designação; sendo, contudo, muito significativa a presença das UM.

6 Conclusão

Ao analisarmos os termos que designam as variedades de mandioca registradas no TERMani, constatamos que das 212 unidades de especialidade identificadas, apenas 66 são classificadas como ULPAs e 146 constituem UM. As formas mistas investigadas apresentam estruturas distintas, sendo compostas a partir da combinação de: a) unidades linguísticas e numerais romanos, como Rasgadinha II; b) numerais cardinais e unidades linguísticas, como 06 Meses; c) unidades linguísticas abreviadas e numerais cardinais, como CMEA 46; d) unidades linguísticas abreviadas, numerais cardinais e letras do alfabeto latino, como CMEA 39 B; e) unidades linguísticas abreviadas e expandidas, como BRS Caipora; f) unidades linguísticas abreviadas e numerais cardinais, como FB 2; g) letras do alfabeto latino, numerais e unidades linguísticas, como N2 Cascuda.

Cabe salientar que todas as UM foram encontradas, apenas, no subcorpora especializado; sendo, portanto, utilizadas unicamente por profissionais que investigam e/ou atuam na área das Ciências Biológicas e outras afins. A análise dos dados nos revelou, também, que todas as UM remissivas têm como objetivo a identificação dos cultivares no banco de germoplasma da mandioca. Quanto às UM privilegiadas, identificamos que ora elas exprimem a função de “etiquetagem” dos conceitos, assim como as unidades remissivas, ora expressam características da planta, tal como previsto na TCT.

Embora, na atualidade, o *status* de termos das UM ainda esteja em discussão, após nossas pesquisas, assumimos o posicionamento de que elas

precisam ser consideradas como formas de designação dos conceitos nos domínios de especialidade, e como tais, analisadas junto às demais formas linguísticas.

7 Referências

ANDRADE NETO *et al.* **Estado da arte e desafios da mandiocultura no Acre.** Rio Branco, AC: Embrapa Acre, 2011.

BARROS, Lídia Almeida. **Curso básico de terminologia.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

_____. **Conhecimentos de terminologia geral para a prática tradutória.** São José do Rio Preto, SP: NovaGraf, 2007.

CABRÉ, Maria Teresa. **La terminología:** representación y comunicación. Institut Universitari de Linguística Aplicada Universitat Pompeu Fabra. Gl. 635.2010, ISBN: 978.84.92707.58.4. Barcelona: 2005.

KOCOUREK, R. **La langue française de la technique et de la science:** vers une linguistique d'une langue savante. Wiesbaden: Brandstette, 1991.

KRIEGER, Maria da Graça. FINATTO, Maria José Bocorny. **Introdução à terminologia:** teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2004.

MENDONÇA, H. A. *et al.* **Avaliação de genótipos de mandioca para consumo in natura em diferentes épocas de colheita no Acre.** Rio Branco Embrapa Acre, 2002.

SCHOTT, B. **Caracterização botânica e agrônômica da coleção de trabalho de mandioca da Embrapa Acre.** Rio Branco: UFAC, 2009.

SIVIERO, A.; SCHOTT, B. **Caracterização botânica e agrônômica da coleção de mandioca da Embrapa Acre.** Revista Raízes e Amidos Tropicais, v. 7, p. 31-41, 2011.

SIVIERO, A. **Trinta anos de pesquisas com mandioca no Acre.** In: rivadalve coleho gonçalves; luiz claudio de Oliveira,. (Org.). Trinta Anos de Pesquisas com Mandioca no Acre. 1ed.Rio Branco: Embrapa Acre,v. 1, p. 111-122, 2009.

VELTHEM, Lucia Hussak van; KATZ, Esther. **A 'farinha especial':** fabricação e percepção de um produto da agricultura familiar no vale do Rio Juruá, Acre. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. hum.[*online*]. 2012, vol.7, n.2, p. 435-456.

WÜSTER, Eugen. **Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica.** Responsable de la edición: M. Teresa Cabré. Institut Universitari de Linguística Aplicada. Universitat Pompeu Fabra. Barcelona: 1998.